

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: *O Estado de São Paulo* Class.: 1532

Data: 24.03.74 Pg.: 24

**Ameaçada a coesão dos xavantes**

ELIANA LUCENA  
Da Sucursal de Brasília

Graves problemas de liderança indígena que, na opinião de padres missionários colocam em risco a coesão tribal dos grupos Xavantes e Bororos que vivem nas regiões de Meruri, Sangradouro e São Marcos, em Mato Grosso, estão acontecendo desde que estradas passaram a cortar indiscriminadamente áreas indígenas. Velhos chefes índios, como Aribuena, de Sangradouro, já não encontram mais apoio na nova geração de Xavantes que, dentro dos próximos dez anos, constituirá dois terços da população com idade abaixo de vinte anos.

A rodovia que liga Aragarças a Cuiabá já recebe um tráfego relativamente intenso e daqui a algum tempo, quando for asfaltada, o movimento será aumentado. A estrada causou grandes transformações no comportamento dos índios. Os mais velhos passaram a vê-la com desconfiança e sentiram a ameaça que representa, enquanto os mais jovens só pensam em viajar e as moças em sair das aldeias e casar fora. Despreparados para a vida nas grandes cidades os índios já chegam a Cuiabá e Goiânia, e quando retornam às aldeias, trazem vícios e doenças até então desconhecidos para eles.

**A POSIÇÃO DA IGREJA**

Há duas semanas o presidente do Conselho Indigenista Missionário, padre Vicente Cesar, visitou as duas reservas Xavante e a aldeia dos Bororós, e voltou preocupado com a situação desses índios. "O problema da integração dos Xavantes de Sangradouro e São Marcos está-se aproximando do ponto crítico e se não for devidamente encaminhado, teremos outra vez um povo frustrado, uns índios acabocados, marginalizados, párias da sociedade nacional", afirmou. Além da influência das estradas na vida das tribos, o presidente do Cimi acha que a presença de rapazes e moças civilizados nas aldeias, embora bem intencionados e prestando alguma ajuda aos padres missionários, lança no ambiente indígena comportamentos e ambições que destoam com as normas e costumes das comunidades tribais.

O presidente do Cimi é favorável à integração lenta, progressiva e harmoniosa do índio na sociedade nacional e afirma que a Igreja se constitui defensora intransigente do direito que as minorias étnicas têm de levar modo de vida próprio e peculiar a sua cultura. "Há pouco tempo — diz o presidente do Cimi — o ministro do Interior, Costa Cavalcanti declarou, levemente, que se sentia frustrado por não ter conseguido emancipar nenhum índio da tutela do governo, durante seus cinco anos de gestão. Para os missionários, a emancipação, ou melhor a integração do índio à comunhão nacional, é um problema sério e sumamente complexo e por ocasião dos debates em torno do estatuto do índio, o Conselho Indigenista não poupou esforços e argumentos para que a emancipação de indivíduos ou grupos indígenas fosse dificultada ao máximo".

A grande preocupação dos missionários levantada não só pelo presidente do Cimi, mas pelos padres salesianos responsáveis pelos Xavantes e Bororós refere-se a indefinição sobre como se processará a integração do índio. "O estatuto do índio — afirmam — fala de índios integrados sem todavia estabelecer normas de como irá funcionar na prática esta integração, isto é quais etapas a serem cumpridas, como conduzir o processo de aculturação, etc. É importante, nesse trabalho, nunca esquecer de que os grupos indígenas apresentam problemáticas diferentes e por isso, nem sempre a mesma fórmula poderá ser aplicada com bons resultados em várias comunidades tribais".



Índio de camisa e relógio: o impacto de civilizações traz desagregação

**O índio sempre perde com o inevitável atrito pelas terras**

Os quase dois mil índios Bororos e Xavantes de São Marcos, Sangradouro e Meruri, vivem uma problemática semelhante que se estende por várias décadas. Habitam uma região rica por isso é cobçada por fazendeiros e posseiros que gradativamente foram invadindo as áreas indígenas. Só agora, com a criação das reservas pelo governo os fazendeiros e posseiros estão sendo retirados, embora em São Marcos, alguns proprietários ainda relutem em abandonar a reserva.

Os Bororos sofreram maiores perseguições no passado que os Xavantes e hoje da nação de temidos índios que atacavam as propriedades rurais dos colonos, sobrevivem poucos grupos sendo que a maior concentração é encontrada em Meruri, para onde se dirigiram em 1902 os Bororos vitimados por doenças e pelo alcoolismo. Acolhidos pela Missão Salesiana de Meruri, os Bororos, que constituem uma das culturas indígenas mais ricas do Brasil, passaram por um longo período de desânimo. As mulheres evitavam ter filhos e os homens se entregavam ao alcoolismo.

Inimigos dos Xavantes, os Bororos vivem hoje numa área limitada pelas reservas

de São Marcos e Sangradouro. Apesar de serem acusados pelos Xavantes de "acomodados" os sofridos Bororos agora estão um pouco mais animados. Já se pode constatar a presença de crianças na aldeia, o índice de alcoolismo está diminuindo, os índios já começam a plantar roças e pensam agora em construir uma aldeia a seu jeito, embora já se tenham adaptado às casas de alvenaria com chafarizes nas proximidades e luz elétrica.

As cerimônias da tribo, aos poucos estão sendo revividas. Os padres salesianos incentivam a realização dos rituais mágicos religiosos. A apresentação das danças bororos são intercaladas pela música da banda indígena que toca marchas conhecidas e uma cerimônia para visitantes os índios representam parte do rito funerário. Vestidos a caráter e pintados de urucum, mas com sandálias havaianas e relógios de pulso os índios impacientes esperam o final da festa para receberem brinde dos visitantes. Pode-se notar que alguns jovens bororos desprezam ostensivamente as cerimônias tradicionais da tribo, o que preocupa os padres salesianos.

**A CRISTIANIZAÇÃO**

O presidente do CIMI, padre Vicente Cesar, acha que

a opção religiosa deve ser feita pelo próprio índio e reconhece que no passado foram cometidos erros nesse sentido, quando missionários impingiam uma religião ao índio desconhecendo os valores religiosos de sua cultura. Hoje em dia, para os grupos já cristãos, como é o caso dos Bororos e Xavantes, especialmente São Marcos, o padre acha que os missionários precisam motivar os índios para que criem suas fórmulas próprias de oração, sobretudo a eucaristia que, na sua opinião deveria ser muito melhor aproveitada como manifestação comunitária que é. "O arranjo da igreja, do altar, das oferendas — afirma — têm que tomar um aspecto totalmente diverso do que já se fez até hoje: o índio ao prestar culto a Deus, não deveria de forma alguma sentir-se estranho ao ambiente dos padres e do cristianismo. As vestes litúrgicas, os textos bíblicos da igreja romana não podem nunca ser impingidos aos índios. O padre precisa se apresentar mais de acordo com o ambiente nativo para não tornar-se um estranho que desmorona toda a estrutura espiritual desses povos".

Padre Vicente Cesar defende a urgente elaboração de um diretório indígena, que já está sendo estudado pelo Conselho Indigenista Missionário.

**É difícil conter os mais jovens**

Mas a grande preocupação dos missionários com relação aos Bororós e Xavantes está em motivar os jovens índios que, ainda não preparados para o convívio com o mundo civilizado, já não aceitam os conselhos dos índios mais velhos. Sentado à porta de sua choça, Aribuena, velho chefe Xavante de Sangradouro, vive um problema difícil. A rodovia Aragarças-Cuiabá, que pode ser avistada de sua aldeia, alimenta sonhos nos jovens xavantes. Em Sangradouro 50 por cento dos 550 índios são menores de dez anos. Até agora, apesar do descontentamento da liderança jovem, Aribuena conseguiu manter sua posição de chefe, mas não se sabe até quando a sua autoridade e experiência poderão segurar os mais novos, evitando que eles se dirijam para os centros urbanos onde inevitavelmente acabarão marginalizados. Em São Marcos, cortada por uma estrada, o problema também aparece e as jovens índias já sonham com casamentos nas grandes cidades.

Na verdade, os problemas enfrentados pelos salesianos não são diferentes dos que existem em várias outras áreas indígenas que, até agora preservadas do contato com o mundo civilizado pela inexistência de meios de comunicação, de repente foram invadidas por um mundo até então desconhecido pelos índios. São Marcos, Sangradouro e Meruri estão cercadas por empresas agropecuárias e ao longo das estradas, vão aparecendo pequenos núcleos

populacionais que, gradativamente vão influenciando os grupos indígenas.

Enquanto o problema apresenta-se de forma concreta, técnicos indigenistas discutem a melhor fórmula e "integração" do índio. Alguns acham que ela deve ser realizada a curto prazo, argumentando que "querendo ou não a civilização vai invadir as aldeias em breve e por isso é melhor que o índio esteja preparado para este impacto irreversível de culturas". Outros, talvez menos interessados na rápida integração da Amazônia defendem que o trabalho de aculturação é longo, não podendo ser planejado no papel, já que envolve a própria sobrevivência de uma cultura de valores sólidos que vem sendo transmitida a séculos, de geração para geração.